CADERNO
Fé e Cultura

O SÃO PAULO

25 de novembro de 2026
EDIÇÃO 51

Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na internet, com mais artigos e *links* citados.

Por que olhar para a África católica?

De um continente frequentemente devastado por guerras, pobreza, injustiças e perseguição, vem um dos mais eloquentes testemunhos do Cristianismo em nosso tempo.

Arte: Sergio Ricciuto Conte



Vanilo de Carvalho*

O crescimento do catolicismo na África constitui um dos fenômenos mais significativos da Igreja Católica contemporânea. Durante muito tempo, o continente foi visto principalmente como território de missão e evangelização. Hoje, porém, os católicos africanos ocupam um espaço cada vez mais importante na vida da Igreja, não apenas pelo crescimento do número de fiéis, mas também pela contribuição cultural, litúrgica, teológica e social que oferecem ao Cristianismo.

Esse crescimento está acompanhado de um processo igualmente relevante: a africanização do catolicismo. Trata-se da incorporação à experiência católica de elementos próprios das culturas africanas, como línguas, músicas, símbolos, formas de convivência, valores comunitários e tradições. Não significa abandonar a identidade universal da Igreja, mas permitir que a mesma fé seja vivida e expressa de acordo com a realidade cultural de cada povo.

A liturgia é um dos campos em que essa transformação se torna mais visível. Em diversas comunidades africanas, as celebrações incorporam ritmos, instrumentos musicais, cantos, danças, expressões corporais e línguas locais. A alegria, a participação coletiva e o forte sentido comunitário presentes em muitas culturas africanas encontram espaço na celebração cristã. A liturgia permanece católica, mas assume uma linguagem cultural própria.

A africanização também alcança a reflexão teológica. Questões como a importância da família, a solidariedade, o sentido de comunidade, o respeito aos mais velhos, a relação com os ancestrais e a reconciliação passam a ser interpretadas à luz do Evangelho. A experiência africana deixa, assim, de ser apenas objeto da evangelização e passa a contribuir para a própria reflexão da Igreja universal.

Essa transformação exerce influência significativa sobre os costumes e a vida social. O catolicismo participa da formação de novas concepções sobre família, casamento, educação, solidariedade, dignidade humana e responsabilidade social. Ao mesmo tempo, a Igreja estabelece diálogo com tradições ancestrais, procurando integrar elementos culturais compatíveis com a fé cristã e questionar aqueles que entram em conflito com seus princípios. Nesse processo, muitos costumes não desaparecem simplesmente com a expansão do Cristianismo: são reinterpretados. Cerimônias familiares, formas de celebração, relações de parentesco e manifestações culturais podem adquirir novos significados dentro da experiência católica. Surge, assim, uma síntese dinâmica entre tradição, fé e transformação social.

A presença crescente de sacerdotes, religiosos, religiosas, bispos, teólogos e lideranças leigas africanas também modifica a própria vida da Igreja. A África deixa progressivamente de ocupar apenas a posição de destinatária da missão evangelizadora para assumir o papel de protagonista na construção do futuro do catolicismo.

Essa realidade demonstra que universalidade não significa uniformidade. A Igreja pode preservar a unidade de sua fé e, simultaneamente, acolher diferentes formas culturais de expressá-la. O catolicismo africano representa justamente essa capacidade de unir tradição universal e identidade local.

A influência sobre os costumes, entretanto, não ocorre sem tensões. O encontro entre valores tradicionais africanos, ensinamentos católicos e transformações da sociedade contemporânea produz debates sobre casamento, família, juventude, papel da mulher, sexualidade, educação e autoridade. Essas questões revelam que a africanização não é apenas uma adaptação litúrgica, mas um processo profundo de diálogo entre culturas e valores.

Assim, o crescimento do catolicismo na África representa muito mais do que um aumento do número de fiéis. Ele revela uma mudança na própria geografia cultural do Cristianismo. A África não é apenas um continente em que o catolicismo cresce; é também um dos espaços em que o catolicismo está adquirindo novas formas de expressão e no qual se desenha parte importante do futuro da Igreja. A africanização do catolicismo constitui, portanto, um encontro entre fé e cultura. Desse encontro, nasce uma Igreja simultaneamente universal e local, fiel à sua tradição e aberta às expressões culturais dos povos que a constituem. É nessa capacidade de dialogar com diferentes culturas que reside uma das grandes forças históricas e contemporâneas do catolicismo.

**Advogado graduado pela Universidade de Fortaleza. Especialista em Direito Constitucional e mestre em Negócios Internacionais pela Universidade de Fortaleza (2004). Presidente da Comissão Justiça e Paz da CNBB no Ceará.*

O Sínodo dos Bispos e o continente africano se encontram

São João Paulo II, em 1995, a partir da Assembleia dos Sínodos dos Bispos para a África, escreveu a exortação Ecclesia in Africa (EA), que reflete o encontro entre a grande Tradição cristã e a realidade do continente africano. Marcado pela reflexão dos bispos africanos, o documento apresenta uma espiritualidade enraizada no encontro com Cristo, na atenção para com os problemas sociais, o diálogo inter-religioso e a inculturação da fé. A seguir, alguns trechos da exortação.

Redação

Como Maria Madalena na manhã da ressurreição [...] a Assembleia Especial para a África do Sínodo dos Bispos proclama: Cristo, nossa esperança, ressuscitou. Ele alcançou-nos, Ele caminhou conosco [...] Neste momento mesmo, em que tantos ódios fratricidas, provocados por interesses políticos, dilaceram os nossos povos, no momento em que o peso da dívida internacional ou da desvalorização da moeda os oprimem, nós, Bispos da África, [...] queremos pronunciar uma palavra de esperança e de conforto para ti, Família de Deus que está na África; para ti, Família de Deus espalhada por todo o mundo: Cristo, nossa Esperança, está vivo, nós viveremos!

[No século XIX começou um] período caracterizado por um esforço extraordinário [...] O crescimento da Igreja na África, de cem anos para cá, constitui verdadeiramente um prodígio da graça de Deus. [...] Defronte ao crescimento admirável da Igreja na África nos últimos cem anos, diante dos frutos de santidade que se obtiveram, não há senão uma explicação possível: tudo isso é dom de Deus [...] Não há lugar para triunfalismos humanos [...] "Tudo isto veio do Senhor, e é admirável aos nossos olhos" (Sl 118-117,23), "O Poderoso fez em Mim maravilhas, Santo é o seu Nome" (Lc 1,49).

[...] Por causa das numerosas dificuldades, crises e conflitos que geram tanta miséria e sofrimento no continente, há africanos que, por vezes, são tentados a pensar que o Senhor os tenha abandonado, que Ele os tenha esquecido (cf. Is 49,14)! Mas Deus responde com as palavras do grande Profeta: "Acaso pode uma mulher esquecer-se do menino que amamenta, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela o esquecesse, Eu nunca te esqueceria. Eis que Eu te gravei nas palmas das minhas mãos" (Is 49,15-16) [...] O nome de cada um de vós, [africanos], está escrito nestas mãos.

[EA 13,33-34,143]

Padre Jean-Claude Bafutanga/Consolata América



Uma liturgia africana

A liturgia, como modo eficaz de proclamar e viver os mistérios da salvação, pode contribuir validamente para elevar e enriquecer específicas manifestações da cultura de um povo (Ecclesia in Africa, EA 87).

Redação

O chamado rito zairense é a experiência mais conhecida de adaptação litúrgica na África. Sua origem está no esforço de inculturação que se seguiu ao Concílio Vaticano II, cuja constituição sobre a liturgia abriu espaço para adaptações às culturas dos povos. Está apresentado no "Missal Romano para as dioceses do Zaire", aprovado pela Santa Sé em 1988. Depois que o país mudou de nome, em 1997, passou a ser chamado também de rito congolês.

A adaptação foi feita com o cuidado de valorizar as expressões da cultura local sem desfigurar os elementos presentes na liturgia da Igreja. Não é, portanto, um rito autônomo, uma invenção particular de um grupo, mas uma forma de celebrar o rito romano com elementos da cultura congolesa, criado em comunhão com a Santa Sé.

Em fevereiro de 2023, foi adotado na missa celebrada em Kinshasa, presidida pelo Papa Francisco com cerca de 1 milhão de fiéis. O episódio mostrou, na prática, que a unidade da fé não exige uniformidade de expressão, mas acontece em uma comunhão na qual a tradição dialoga com a cultura local.

Santuário de Nossa Senhora de Kibeho. Fonte: Wikimedia.



Quando Nossa Senhora apareceu na África

No início da década de 1980, em Ruanda, aconteceu um dos fenômenos espirituais mais impressionantes e dramáticos do século XX. Três estudantes relataram encontros frequentes com a Virgem Maria, que anunciou um dos genocídios mais terríveis da atualidade: em apenas 100 dias, cerca de 800 mil tutsis e hutus moderados foram massacrados por extremistas da etnia hutu.

Redação

Tudo começou em 28 de novembro de 1981. Alphonsine Mumureke, uma jovem tutsi de 16 anos, ouviu uma voz celestial nos corredores do colégio feminino de Kibeho, uma pequena aldeia no sudoeste de Ruanda, e deparou-se com uma figura de beleza extraordinária. Vestida com túnica e véu brancos, descalça, a mulher apresentou-se na língua local com uma frase que marcaria a história religiosa do continente: "*Ndi Nyina wa Jambo*" — "Eu sou a Mãe do Verbo". Nos meses seguintes, outras duas jovens, Nathalie Mukamazimpaka, também tutsi, e Marie-Claire Mukangango, hutu, passaram a vivenciar as mesmas experiências.

As mensagens centrais transmitidas pelas aparições eram um apelo urgente e incansável à conversão, ao arrependimento dos pecados e à oração profunda. A Virgem pediu que os fiéis repassassem o chamado à penitência e introduzissem a prática do Terço. O tom das mensagens, porém, logo mudou, ganhando contornos de advertência severa contra o ódio étnico e a divisão que já fermentavam na sociedade ruandesa.

Em 15 de agosto de 1982, diante de uma multidão estimada em 20 mil pessoas, as videntes entraram em um estado de profundo pavor e sofrimento físico durante o transe. Diante dos presentes, as jovens choravam copiosamente, tremiam e gritavam de terror. Elas relataram que a Virgem lhes mostrara o futuro de Ruanda: um verdadeiro "rio de sangue", corpos humanos espalhados e insepultos sem quem os pudesse enterrar, cabeças decepadas e uma árvore inteiramente consumida pelo fogo. Era o reflexo visual da desumanização e do massacre que a falta de amor fraterno causaria.

A tragédia ocorreu em 1994, quando o país foi consumido por um genocídio. A própria região de Kibeho converteu-se em palco de carnificina, e Marie-Claire, uma das videntes, acabou assassinada no conflito. Hoje, ali existe o Santuário de Nossa Senhora de Kibeho, que recebe centenas de milhares de visitantes anualmente.

Na África, a fé na mira da violência

Em diferentes regiões do continente, comunidades cristãs enfrentam assassinatos, sequestros, expulsões e ataques a igrejas. Relatórios da ACN revelam uma crise que combina extremismo religioso, fragilidade dos Estados e disputas por território e poder.

Rodrigo Ferreira Arantes*

A África ainda é um dos continentes mais perigosos do mundo para quem deseja viver e professar livremente a sua fé. No entanto, uma ressalva é necessária desde o início: não é todo o continente africano que é perigoso, tampouco um ou outro país por inteiro. O que acontece é que determinadas regiões em determinados países africanos fizeram do continente o atual epicentro da perseguição religiosa.

A dimensão da perseguição religiosa na África está retratada em dois importantes estudos da fundação pontifícia ACN - Ajuda à Igreja que Sofre: a edição de 2025 do *Relatório de Liberdade Religiosa no Mundo* e a edição de 2026 do *Relatório de Perseguidos, mas não Esquecidos*, este último dedicado à situação dos cristãos oprimidos por causa da fé. Embora tenham períodos e enfoques diferentes, os documentos indicam uma mesma realidade: a violência contra comunidades cristãs se intensificou em diversas regiões africanas e, em muitos casos, tornou-se parte de uma estratégia de domínio territorial e imposição ideológica.

O *Relatório de Liberdade Religiosa* identifica a África como a região mais afetada pela atividade islamista extremista. Não se trata de uma única organização, mas de uma rede de grupos extremistas que atuam de maneira descentralizada, explorando fronteiras frágeis e governos incapazes de proteger suas populações. Segundo fontes do estudo, grupos extremistas islamistas foram responsáveis por mais de 22 mil mortes no continente em 2024. O Sahel, extensa faixa de transição entre o deserto do Saara e as savanas mais úmidas ao sul, em particular, permanece como a região do mundo mais atingida pelo terrorismo: mais da metade das mortes relacionadas a esse fenômeno naquele ano ocorreu ali.

Uma violência que se espalha. Burkina Faso, Máli, Níger, Nigéria e Camarões estão entre os países mais afetados. Em Burkina Faso, a violência islamista transformou profundamente um país que antes era considerado exemplo de convivência inter-religiosa na África Ocidental. Desde 2015, grupos ligados a redes extremistas transnacionais ampliaram sua presença e hoje controlam pelo menos 40% do território, sobretudo em áreas rurais.

Um dos episódios mais brutais aconteceu em agosto de 2024, na aldeia de Sanaba, Diocese de Nouna, próximo da fronteira com o Máli. Integrantes do grupo extremista JNIM separaram os homens com mais de 12 anos que eram cristãos, praticantes de religiões tradicionais ou considerados contrários à ideologia islamista. Vinte e seis homens foram levados a uma igreja protestante próxima e mortos com cortes na garganta. Nos dias seguintes, ataques a paróquias católicas na mesma região provocaram a fuga de cerca de 5 mil mulheres e crianças.

Nigéria: o sofrimento de comunidades inteiras. A Nigéria é um dos casos mais dramáticos. O país convive há anos com a atuação de grupos como Boko Haram e Estado Islâmico da Província da África Ocidental (ISWAP), além de milícias armadas que atacam aldeias, igrejas e lideranças religiosas. A violência se concentra especialmente no Norte e no chamado Cinturão Médio, onde comunidades cristãs são frequentemente alvo de massacres, sequestros e deslocamentos forçados.

O *Relatório de Liberdade Religiosa no Mundo* registra que, nos estados de Plateau e Benue, milhares de pessoas foram deslocadas e centenas morreram. Em 2023, em apenas um mês, mais de 1.100 cristãos foram mortos, entre eles 20 membros do clero. Durante o Natal daquele mesmo ano, ataques coordenados deixaram quase 300 mortos. Em junho de 2025, cerca de 200 cristãos deslocados foram massacrados no estado de Benue.

O relatório *Perseguidos, mas não Esquecidos* dá rosto a essa realidade por meio do testemunho de Solomon Ako, um cristão de 33 anos sequestrado por terroristas no Norte do país: "Eles imediatamente falaram para nos convertermos e, quando recusamos, começaram a nos bater. Açoitaram-nos com chicotes. Nossas pernas foram acorrentadas. Algemas foram colocadas em nossos tornozelos." Solomon contou ainda que os sequestradores os mantinham durante horas com água fria até o pescoço.

Em meio àquela violência, havia algo que os mantinha de pé: a oração. Todas as noites, quando os sequestradores dormiam, Solomon e os demais reféns rezavam. Ele contou que saber que pessoas em outras partes do mundo estavam rezando por eles e defendendo sua causa foi o que os ajudou a suportar o sofrimento.

A perseguição na Nigéria, porém, não pode ser compreendida apenas pelo fator religioso. Os conflitos envolvem ainda disputas por terras, recursos, poder político, tensões históricas e diferenças étnicas. Pastores fulani extremistas têm sido apontados como responsáveis por ataques contra comunidades cristãs, muitas vezes acompanhados da apropriação de terras e da expulsão de moradores. Isso não significa, contudo, que todos os fulani sejam extremistas ou que a população muçulmana seja responsável por esses crimes. O próprio relatório chama a atenção para a complexidade do fenômeno e para o fato de que muitos fulani também são vítimas de violência e manipulação ideológica.

Igreja alvo de ataque terrorista em Cabo Delgado, Moçambique, em abril de 2026. Fonte: ACN



Do Norte de Moçambique ao coração da África. Em Moçambique, a província de Cabo Delgado permanece como uma das regiões mais preocupantes. Desde outubro de 2017, quando começou a insurgência islamista na região, mais de 5 mil de pessoas foram mortas e mais de 1 milhão foram obrigadas a deixar suas casas. Grupos ligados ao autoproclamado Estado Islâmico atacam comunidades, destroem igrejas e sequestram moradores.

Em agosto de 2025, ataques em Cabo Delgado provocaram o sequestro de crianças e a fuga de milhares de pessoas. Em apenas duas semanas, quase 60 mil moradores foram deslocados. Meses depois, em novembro, uma série de ataques islamistas na província de Nampula deixou quatro cristãos mortos, um deles decapitado. Centenas de casas e pelo menos duas capelas foram destruídas.

Um continente que ainda traz esperança. Apesar de todas as ameaças, a Igreja Católica na África continua e cresce tanto em número de católicos quanto em vocações sacerdotais e religiosas. A Igreja permanece ao lado das famílias deslocadas, oferece acolhimento e trabalha pelo diálogo entre cristãos e muçulmanos. Em muitas regiões, sacerdotes, religiosas e leigos continuam anunciando o Evangelho, mesmo quando isso representa um risco para suas próprias vidas.

É justamente por isso que esses testemunhos não podem ser esquecidos. Por trás de cada estatística há uma família que perdeu sua casa, uma criança que teve seu futuro interrompido ou uma comunidade que deixou de celebrar a fé em liberdade. Há também pessoas que, como Solomon, encontram na oração a força para não desistir.

A perseguição religiosa na África é uma ferida aberta na dignidade humana e na liberdade de milhões de pessoas. Conhecer essa realidade é o primeiro passo para não permitir que o sofrimento desses irmãos e irmãs na fé seja tratado com indiferença. Afinal, nenhuma pessoa deveria ter de escolher entre permanecer fiel à sua religião ou continuar viva.



ACN

O *Relatório de Liberdade Religiosa no Mundo* é uma publicação bienal da ACN (Ajuda à Igreja que Sofre), realizada desde 1999. A edição de 2025 analisa 196 países e conclui que cerca de dois terços da humanidade vivem em países com graves violações. Já *Perseguidos, mas não esquecidos* é o relatório, também bienal, dedicado à perseguição a cristãos. Reúne testemunhos, estudos de caso e análises de 18 países.

*Integra a equipe da Fundação Pontifícia ACN Brasil. Jornalista, atua diretamente na produção de conteúdos institucionais, editoriais e de campanhas, especializando-se na análise e divulgação de relatórios, dados e testemunhos sobre perseguição religiosa e a realidade das comunidades cristãs no mundo.

Os números da África

Um testemunho de vitalidade da fé, mesmo nas situações mais difíceis.

Redação

Imagem gerada por IA



Em 2024, a África tinha 288,3 milhões de católicos, 20,3% dos 1,422 bilhão do mundo e 19,9% da população do continente, acima da média mundial de 17,8%. De 2023 a 2024, nenhuma região acrescentou tantos fiéis: 7,58 milhões, 45% do aumento mundial de 16,69 milhões. O crescimento de 2,7% supera ligeiramente o da população africana (2,4%) e é mais que o dobro do mundial (1,2%). Pela primeira vez, a África tem mais católicos que a Europa (288,31 milhões contra 287,24 milhões).

Esse crescimento é sobretudo demográfico: entre os católicos, a proporção de crianças batizadas em relação aos nascimentos se mantém estável, enquanto cai em quase todo o mundo. É sinal de uma Igreja que transmite a fé de geração em geração. Na África subsaariana, os cristãos (católicos ou não) são cerca de 697 milhões de pessoas, 62% da população, e a região é a única do mundo em que a parcela cristã aumentou entre 2010 e 2020.

O dado mais expressivo está nas vocações. Em 2024, a África tinha 20% dos católicos, mas 34,5% dos seminaristas maiores (35.710) e 59,1% dos menores (55.571). É o único continente em que os seminaristas maiores aumentaram: 786 a mais que em 2023 (+2,3%), enquanto o total mundial caiu 2.891 (–2,7%). São 629 seminaristas maiores para cada mil padres, contra 254 na média mundial. Os sacerdotes africanos são 56.786 (13,9% do total), e seu aumento de 1.676 (+3,0%), entre 2023 e 2024, foi o maior do mundo: sem ele, o saldo global de +425 seria negativo, pois a Europa perdeu 2.483. Em 2023, a Nigéria ordenou 385 padres, mais que os Estados Unidos (342) e atrás só de Brasil (424) e Índia (387). Ainda assim, faltam padres: são 5.077 católicos por sacerdote, contra 3.491 no mundo.

Os maiores contingentes católicos estão na República Democrática do Congo (quase 55 milhões em 2023) e na Nigéria (35 milhões). De 2000 a 2020, os católicos cresceram mais rápido em Uganda (3,3% ao ano), Angola (3,2%) e República Democrática do Congo (3,0%). Entre os grandes países da região, de 2010 a 2020, o crescimento dos cristãos foi maior em Angola e Moçambique, cerca de 46% cada. Angola, 93% cristã, acompanhou a população (+44%); Moçambique, que sofreu campanha antirreligiosa do Estado até os anos 1980, cresceu acima dela, e a parcela cristã subiu de 56,3% para 61,3%. Em Ruanda, vítima de um grande genocídio étnico e local de uma aparição reconhecida pelo Vaticano de Nossa Senhora, em 2022, 39,9% da população era católica e 52,9% de outras denominações cristãs.

De 2010 a 2020, a parcela cristã caiu mais de cerca de cinco pontos apenas em Cabo Verde (de 85,7% para 78,3%), Namíbia (de 96,1% para 90,5%), Guiné-Bissau (de 26,2% para 21,7%) e Benim (de 58,3% para 53,2%), com o avanço dos sem religião nos três primeiros e dos muçulmanos no quarto; Nos países mais visados pela violência anticristã, as variações foram menores. Na Nigéria, por exemplo, foi de 44,4% para 43,4%; em Burkina Faso até subiu, de 26,6% para 28%. As mudanças culturais decorrentes da secularização parecem ser mais corrosivas para a fé que a perseguição...

Como, então, a perseguição afeta o número de cristãos? Ela custa vidas e lares, gera deslocamentos forçados, mas não reduziu o total até 2020, último ano dos dados comparáveis. Contudo, embora a motivação apenas religiosa dos atentados seja debatida atualmente, entre outubro de 2024 e setembro de 2025, 4.491 cristãos foram mortos (3.490 só na Nigéria) e mais de 165 mil foram deslocados por sua fé na África subsaariana. Por tudo isso, a ACN (Ajuda à Igreja que Sofre) adverte que o terrorismo no Sahel pode alterar a composição religiosa da região, sem apresentar números de queda.

Fontes: *Agencia Fides (Annuarium Statisticum Ecclesiae), Pew Research Center, Open Doors e Church Life Journal (Universidade de Notre Dame). Percentuais, taxas e totais derivados são cálculos do autor.*

LIVROS

Mais de uma luz

O fanático, tal como Amós Oz o descreve, não é o homem que crê demais. É o homem que já não suporta que o real lhe resista. Não quer apenas convencer; quer purificar. A divergência o ofende, a ambiguidade o humilha, o limite o exaspera. Por isso, não discute verdadeiramente. Simplifica, caricatura, condena. E toda pedagogia da pureza acaba por exigir vítimas.

Alecsandro A. de Souza*

Amós Oz cresceu em uma terra em que a tentação de absoluto cobra sangue — e por isso não a romantizou. Em *Mais de uma luz*, ele fixa o olhar em uma das enfermidades mais persistentes da alma política e religiosa: a tentação de redimir o mundo pela supressão do outro.

O mérito de Oz está em ter compreendido que o fanatismo não se define pelo conteúdo de uma doutrina, mas pela forma espiritual com que se adere a ela. Há ideias severas sustentadas com humildade; e há ideias legítimas deformadas por um coração incapaz de suportar a liberdade alheia. O fanático não quer apenas que lhe deem razão. Quer que o mundo inteiro se submeta à sua própria incapacidade de conviver com o desacordo.

Foi nesse ponto que o livro me tocou. Não porque trouxesse uma verdade desconhecida, mas porque nomeava uma tentação sempre à espreita no espírito religioso: a de confundir amor à verdade com amor de si mesmo investido em verdade. Certos livros não ampliam apenas a inteligência; corrigem a consciência. E há correções que não humilham, mas tornam mais sóbrio.

Foi Bento XVI quem ofereceu, em nosso tempo, a gramática mais rigorosa para compreender esse desarranjo. Quando ainda cardeal, Ratzinger advertiu contra a "ditadura do relativismo", na qual nada permanece firme e o próprio eu se converte na última medida. Em Regensburg, recordou que agir contra a razão é contrário à natureza de Deus. Entre uma afirmação e outra está descrito o drama espiritual do Ocidente: quando a verdade se dissolve, resta o capricho; quando se impõe sem razão e sem caridade, resta o fanatismo.

O fanatismo não é excesso de fé, mas sua corrupção. Não nasce da submissão do homem à verdade, mas da impaciência de quem deseja possuí-la como propriedade privada. A convicção, quando perde a humildade, deixa de ser testemunho e converte-se em vontade de domínio. E a razão, quando se fecha ao transcendente, já não é capaz de defender nem a liberdade que invoca nem a dignidade que proclama.

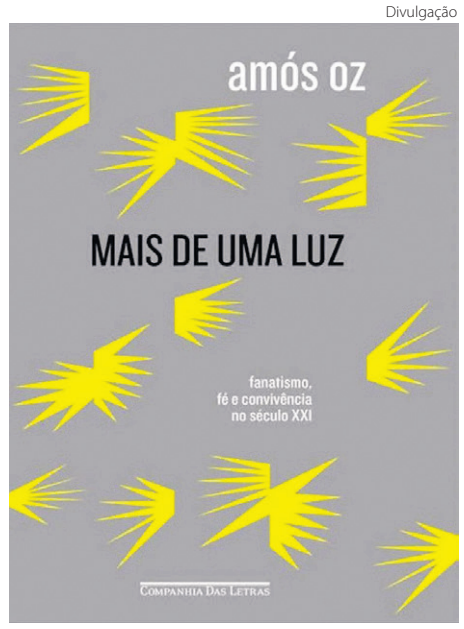
A leitura cristã começa exatamente aí. O outro não é inviolável porque concorda comigo, mas porque traz em si uma dignidade que não me pertence conceder nem retirar. A tradição cristã não autoriza a redução do adversário a erro ambulante, obstáculo ideológico ou resíduo histórico. Se cada pessoa é criada à imagem de Deus, então toda causa que exige sua anulação já se condenou por si mesma.

Há, nisso, uma advertência severa para os próprios crentes. Toda vez que a fé se deixa definir mais pela exclusão do que pela força persuasiva da verdade, ela já começou a trair aquilo que professa. O Evangelho não confia na supressão do outro, mas na caridade unida à verdade. Em uma época em que a indignação rende prestígio e a identidade se converteu em moeda política, Oz faz o que os melhores livros fazem: nomeia uma tentação que nos habita antes de nos definir.

Oz escolheu o título com precisão. *Mais de uma luz* não é um consolo plural; é um diagnóstico sobre a dificuldade de conviver com o que ilumina de modo diferente. O livro não garante que o fanatismo recue. Garante apenas que, nomeado, ele já não pode fingir inocência.

**Administrador de empresas.*

Divulgação



OZ, Amós. *Mais de uma luz: Fanatismo, Fé e Convivência no Século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 96 p.